BOLETIM OFICIAL DOS QUATRO JUSTOS

DIRECAO DOS MESMOS 

O BOLETIM DE MENOR TIRAGEM DO MUNDO

MARCO DE 1947

FLORIANOPOLIS

SANTA CATARINA

APRESENTANDO . . .

não no Brasil. Isto porque êste ór- am o aspecto citadino ... " gao, boletim oficial dos "Quatro Jus-

lhor, da preguiça...

levará ao público os dissabores, o a- tra coisa. margo e o doce das suas vidase da sua

### CICUTADA ...

MENORES ABANDONADOS

A.J.S.

menores abandonados. Criam-se nas sar pecto citadino, mas o aspecto geral do getas e recebem a educação dos seus nosso Brasil. colegas de infortúnio. Mas quando esfazer as suas "serenatas", ou bader- democracia burguesa que tanto elogiais. nas, como queiram, que quase sempre mundo grita. Os jornais atacam:

"formação, em pacatas ruas burguesas, bem ao longo das casas de família, de guinte, os únicos autores desses crimes. verdadeiras súcias de malandros, de Antes de apelardes para a Polícia, decalças curtas e compridas, variando dos 10 aos 18 anos, a fazer arruaças, dando guinchos, dizendo obcenidades

em altas vozes, para escândalo das famílias, que têm de recatar seus pimpolhos de tais exemplos e lições."

"...só resta à ação repressora O aparecimento deste boletim pro- lícia, porque esses grupos de garotos vocará por certo uma revolução jorna- desocupados a impedir o livre trânsito lística na imprensa catarinense, se- nas calcadas e a soltar palavroes, afei-

Muito bem senhores burgueses! Os satos", é uma criação do ócio, ou me- grados ouvidos dos vessos filhos não podem escutar os palavroes dos gequenos a-Não tendo o que fazer, os "Quatro bandonados, mas e filho do operário, que ustos" se reuniram no Café R. Bran- a máquina do trabalho esmagou, do operáco, centro predileto dos vadios, e la, rio cujo sangue o patrao capitalista entre um gole de amargo café e uma suga até a última gota, êste sim, êste praga a esta vida ruim, decidiram lan- pode escutar obcenidades, pode, à força car o seu boletim oficial, canal que de tanto escutá-las, não saber dizer ou-

Defendei: defendei, senhores burgueeterna quebradeira.

Daqui, elogiaremos e atacaremos o que nos der na veneta, desde que o julguemos "justo", e isso doa a quem defendei também estas desgraçadas criandoer...

Defender, defendei, senhores burguesas venera defendei os sacrossandue nos der na veneta, desde que o tos ouvidos dos vossos pimpolhos, mas defendei também estas desgraçadas criandoer...

Que nos der na veneta, desde que o defendei também estas desgraçadas criandoer...

Que nos der na veneta, desde que o defendei também estas desgraçadas criandoer...

Que nos der na veneta, desde que o defendei também estas desgraçadas criandoer...

Que nos der na veneta, desde que o defendei também estas desgraçadas criandoer... estas crianças fiquem homens no meio da vagabundagem, para depois apelardes para a Policia.

Nao, senhores burgueses! Eles nao afeiam o aspecto citadino! A vossa indiferença às desgraças alheias, a vossa fatta de atenção ao problema do menor Ninguém se preocupa com a sorte dos abandonado é que afeiam, não só o as-

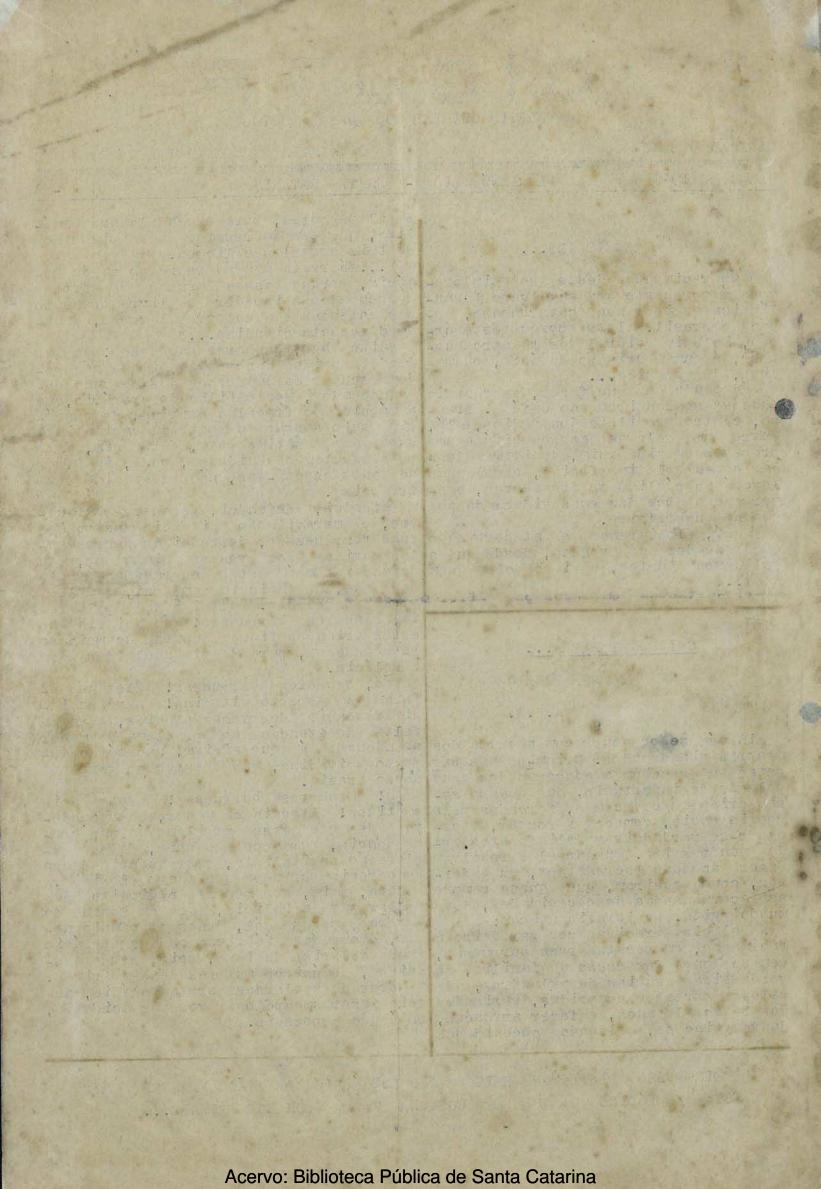
Ah! Senhores burgueses! Como sas crianças crescem e, forçadas pela cretinos! Atacais os menoses esquecendocontingência, começam a roubar, tor- vos de que esse problema é uma connando-se verdadeiros delinquentes, to- sequência, pura consequência, dessa exdo mundo grita. Quando eles resolvem ploração capitalista, consequência dessa

Cabe, pois, aos menores apdireito de são acompanhadas de obcenidades, todo apelar para a Policia, para os homens do Governo, porque vos, donos do cambio ne-A Policia precisa por paradeiro à gro, donos das fábricas onde o operário ganha salários de fome, sois, por conse-

Antes de apelardes para a Polícia, de-veis fazer um apelo à vossa consiencia, se é que a possuis.

PEDIMOS AOS DISTINTOS LEITORES O OBSÉQUIO DE NÃO FAZEREM ESTE PERIÓDICO O QUE SE COSTUMA FAZER COM OS DEMATS ...

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina



## DONA MAROQUINHAS

Conto de A. P.

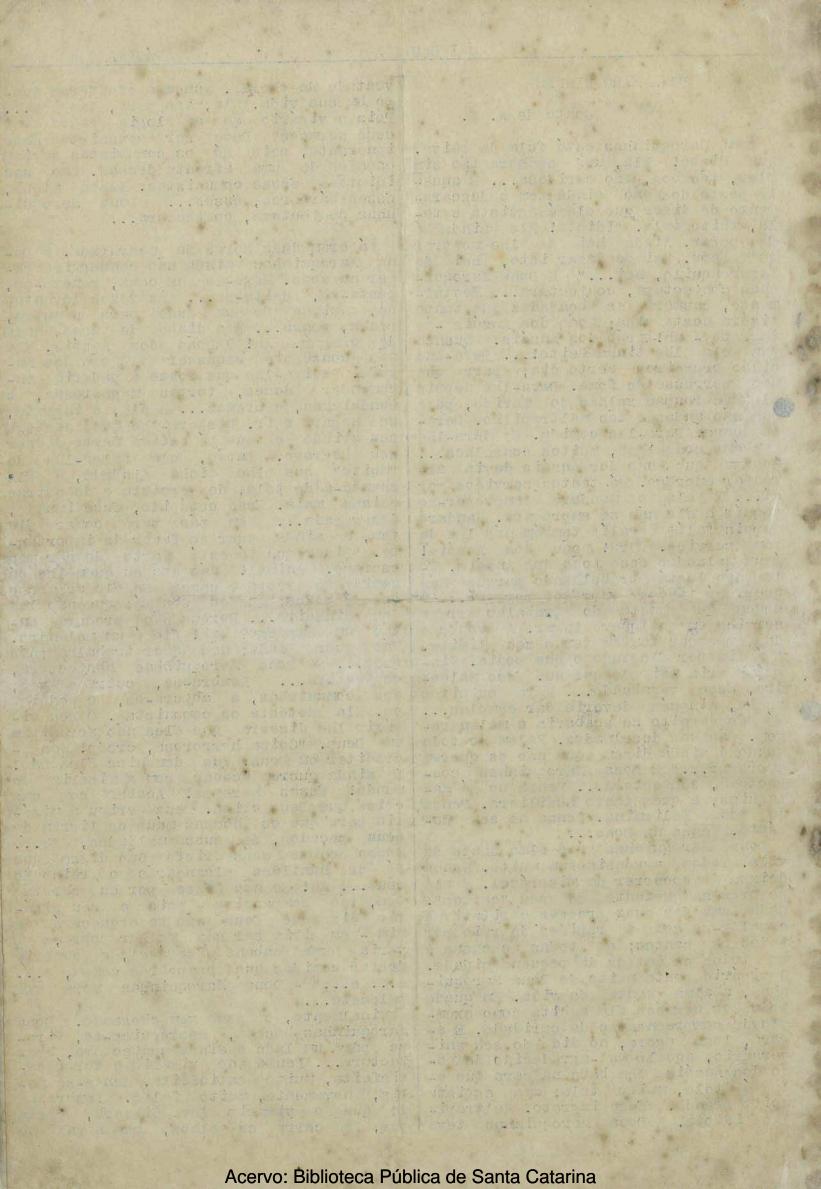
Dona Maroquinhas está fula de raiva. Que diabo! Ela, uma senhora tao sim ples, tão boa, tão caridosa... E aquele peste do João ainda tem o descara-mento de dizer que ela é egoista e tola, muito tola. "Idiota! Ele ainda há de pagar. Ainda hei de lhe mostrar quem sou. Hei de fazer isto, hei de fazer aquilo, hei... " E Dona Maroquinhas conjectura, conjectura... Mental-mente, enumera as bondades que tanto fizera nesta vida: Joao dos Anzois - o ingrato - ah! João dos Anzóis. Quanto bem ela lhe tinha feito!... Dera-lhe cinco cruzeiros certo dia, para que nao morresse de fome. Dera-lhe depois algumas roupas velhas do marido, para que não andasse tão maltrapilho. Deralhe casa. Dera-lhe comida. E dera-lhe também conselhos, muitos conselhos ... Achava que Joac dos Anzóis devia arranjar emprego. Há tantos serviços por ai... E ela o mandara empregar-se "aquí" e ele nao se empregara. Mandara depois "ali" e "ali" também nao lhe de ram serviço. Ora! João dos Anzóis! É um malandro esse João dos Anzóis. Ele não está trabalhando porque não quer. Há tantos emprêgos por aí... O homem que gosta de trabalho arruma serviço em qualquer lugar. A bondade das pessoas também tem o seu limite. "Já fiz por êle tudo o que podřa. Nin-guém faria mais do que eu. Esse malandro, êsse vagabundo... Para sujeitos assim, ninguém deveria dar esmolas... Só desse geito se acabaria a malandragem. São uns desalmados. Falam de todo mundo e ainda dizem que não os querem empregar..." E Dona Maroquinhas conjectura, conjectura... Pensa no Zé Malaquias, a quem tanto auxiliara. Pensa na Dona Felismina. Pensa no seu Eusébio. Pensa na Dona... Dona Maroquinhas é a alma santa da

vila. Todos a consideram muito. Nunca deixou de socerrer um miserável. E ela se orguliza bastante do seu "cartaz". Cada uma das suas proezas caritativas espalha-se com a rapidez do raio por todos os cantos; em todas as casas e em todos os antros da pequena cidade. O vigário gosta muito de Dona Maroquinhas, a alma santa da vila. Em quase todos os sermoes êle a cita como exemplo da compreensao e da caridade. E agora, logo agora, no dia do seu aniversario, aquele mal-agradecido do Joao dos Anzóis lhe bate na cara que ela é tola, muito tola; uma egoista muito grande. Esse imgrato. Maltrapilho idiota. E Dona Maroquinhas teve!

vontade de chorar. Nunça a ofenderam tanto em sua vida. Ela, tão pura, tão boa... Pois o vigário não a elogia tanto em seus sermões? Deve ser comunista êsse Ignorante, pois só os comunistas seriam capazes de uma afronta dessas. São uns idiotões êsses comunistas. Esses ateus, êsses bárbaros, êsses... Dona Maroquinhas conjectura, conjectura...

Já eram duas horas da madrugada. E Dona Maroquinhas ainda não conseguira pegar no sono. Maxe-se na cama, remexe-se, senta-se, deita-se... As vezes levantase, caminha de um lado para o outro, pensa, pensa... E o diabo do sono, nada de chegar. Ah! O João dos Anzóis. Ela não conseguia esquecer o João dos An-zóis. Pedira-lhe que fôsse à padaria encomendar doces, tortas magestosas, sanduiches, e cremes... E ele, o ingrato, se negara a ir. Dissera-lhe que nao era seu criado e que já estava farto de ser seu escravo. Estao, ela falou-lhe do "muito" que lhe tinha ajudado, e chamou-a de tola, de egoista e de outras coisas mais. Esse estúpido, esse imundo, desgraçado... Nem pao para comer éle tem, e ainda quer se fazer de importante. "Dizer que já está farto de ser meu escravo. Animal! Não sou eu quem lhe dá comida e roupa e casa? Se ele acha que isso é pouco; que eu sou má; que não lhe dou dinheiro... Porque não procura em-tão um emprêgo? Bah! Ele é um malandro. Não quer nada; não quer trabalhar; não quer..." E Dona Maroquinhas conjectura, conjectura... Lembra-se, outra vez, dos comunistas, e abjura-os, e odeiaos. Ela detesta os comunistas. O seu vigário lhe dissera que êles não acreditam em Deus. "Coisa horrorosa, credo! Não a-creditar em Deus. Que demônios êles são! E ainda querem acabar com a miséria do mundo! Esses herejes! Acabar com uma coisa que Deus criou. Deus criou a miséria para que os homens máus se livrem de seus pecados, de suas maldades, de... Nosso Senhor Jesús Cristo não disse que só os humildes alcançarão o reino do céu?... Ah! Se não fôsse por eu ser tão boa, tão compassiva - pois o seu viga-rio diz que Deus não se esquecerá de mim - eu iria ser uma mulher pobre, e vi veria numa cabana miserável, e comeria dessas comidas que os pobres comem, e... e... e... " - Dona Maroquinhas mora num palacete ...

Finalmente, o sono vem chegando. Dona Maroquinhas boceja, espreguiça-se, virase para um lado e ainda conjectura, conjectura... Pensa no vigário e sorri satisfeita, muito satisfeita. Sente-se feliz, novamente, muito feliz. Lembra-se do que o vigário lhe dissera, certa vez, e cerra os olhos, com a paz no



# DONA MAROQUINHAS (conclusão)

coração. De longe, muito de longe, parecem chegar-lhe aos ouvidos as tao confortadoras palavras do vigário: Tem a impressao de que elas estao bailando

no espaço:

"Nao tenha medo, Dona Maroquinhas! Os comunistas nunca dominarão o mundo. Deus está do nosso lado. Eles jamais permitirá que a Igreja se extinga. Os males e as misérias nunca se acabarão. Só os "bons" e os "humildes" alcançarão o reino do ... "

Na parede, o relógio batía quatro

horas da madrugada...

# PILULAS LITERARIAS

A concepção materialista da história é o caminho mais curto para se connecer melhor as causas que produzem o mal que ora aflige o proletariado mundial.

#### A.J. S.

O Médo e o Interesse: os baluartes de uma religiao.

O Medo porque produz a crença? o Interêsse porque a conserva.

#### A.P.

Há mulheres que se prostituem para viver; há outras que vivem para se prostituir.

#### S.M.

Os homens sao como os caes: quando sinceros, andam com a cauda da verdade bem levantada; quando hipócritas, botam-na entre as pernas.

#### C.B.V.

#### PIADAS CONSTRUTIVAS ...

- Ele - Por que é que todas as grejas têm para-raios?

O outro - É porque os padres têm mais confiança em Benjamim Franklin do que em Deus.

Ela (ao colega) - Quando eu me casar, o molhor doce da festa vai ser pa ra você comer. Ele (irônico) - E o noivo?

Na Assembléia Constituinte, o deputato Barreto Pinto aparteou um colega nos seguintes térmos:

- Meu caro colega, isto aquí não é uma casa de espetáculos.

Ao que o aparteado respondeu:

- Nésse caso, V.S. nada tem a fazer neste recinto ...

O padre: - Filho, você é mariano? O leigo - Não, padre; eu sou o Secundino Luiz Pedro ...

# POESIAS

OS CRISTAOS

C.B.V.

No principio, os cristaos Abnegados paladinos da justica, Vigtuosos, Bondosos, Destemidos, Arriscando-se a serem comidos Pelos leões, na liça, Defendiam e amavam os oprimidos, Como se defendessem e amassem ir-(maos.

Depois, livres dos Neros, Dos Trajanos, Dos Septimios Severos, Dos Valerianos; Livres, enfim, de todas as persegui-(coes, E podendo pregar sua doutrina em to-(das as nações, Os cristãos começaram a construir um (mundo cristao:

- E acenderam as fogueiras da Inqui-(siçao ...

LIÇÃO DE CIÊNCIAS ...

C.B.V.

Aos Senhores Melo e Camara

Na sala do segundo ano do grupo es-(colar,

A professora repete, A régua apontando pro ar: - Meninos, gravem bem: A água sempre toma a fórma Do vaso que a contém.

E eu não sei precisar o que sinto: - Um despeito profundo ... Uma profunda mágua... -Ao ver que há tantos homens no mundo I guai sinhos à água...

# Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

inst and la cross selection. compared to the state of a state of the same of the sa of the same of the case of the case of ... of the nysten C pedes:- Milho, rone é pirrienos A leigo - Mão, pudro; en sou a cundino Jula Pedro. Instrumpted one offer diest 125 on one manus entekning one state and the state on the state of t BULLETIN of application of the colors o police but so in influenting o and the second section and a about the spatia mayor departure retor levis, po tira, visation, or visation, sound not out the almost A OTHE English Manager and and the later and ( RODEL) THE RESERVE OF THE PARTY OF THE on the many one subject to the second (negers an sub) · . Too for things who so done this secure is a secure of the contract of LACOTEL AL PROPERTY ... PRESENT IN THE DANGE ... TANA DONSTRUCTORS. the parties be arrived to the principle of the parties of the part n professor money.

A record spontant a ura pr.

- Aque non greven mon.

A seus seunce tona e rotun.

To weso que s' conce e rotun. the translation of the party of The season of the case of the we work to orallation of the mante it

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

### FUTILIDADE ...

S.M.

Terça-feira gorda. Último dia de farra. Nos clubes, o carnaval estava muito mais animado que nas ruas. No velho clube, onde me encontrava, a loucura atingira o auge. Homens, mulheres, velhos e moços saltavam, gritavam, gesticulavam, parecendo um único e estrahho animal, um polvo imenso de mil braços e mil vozes que se misturavam, se uniam e se separavam, numa cadência igual e enervante. Um maestro enorme e invisível - o Deus Momo parecia conduzir aquela orquestra infernal. Seus dedos de loucura e álcool, de bestialidade e lascívia, rellavam e dirigiamos homens. Todos pareciam marionetes e que a qualquer momento, a um sinal do Rei Momo, deixariam de viver, penderiam inertes e sem alma. E no entanto, quanta vida esplendia em seus movimentos!

As fantasias multiplas e multicoloridas refulgiam à luz das lampadas.

Com o movimento intenso, elas pareciam feitas de mil cores do arco-iris, Nas festas carnavalescas, é onde a democracia - si Bem que até aqui ela seja ficticia - aparentemente impera, ed as fantasias irmanam todos. Aqui, um cigano brincava com NNINNIXXX uma boiadeira. Alí, num zordao, misturavam se principes russos, camponesas, ciganos, havaianas, carregadores... Acola, um Pierrot dançava agarradinho com uma Colombina, segredando-lhe ininteligiveis palavras. Ela ria, faceira, enquan to lá do lado de fóra do salao, Arlequim olhava triste. Mais distante ainda, dois mascarados saltavam e berravam, parecendo atacados da dança de São

Guido.

Estirados em cadeiras, ao redór de pequenas mesas, viam-se os mais diferentes tipos, na maioria completamente

mbriagados.

Não longe de mim, dois estudantes discutiam. Saltavam de um assunto para outro, com a volubilidade de que só são capazes os borrachos e as mulheres. Noutra mesa, algumas garotas parlavam, alegres e cansadas. Um zum-zum contínuo pairava sóbre o salão. Ninguém parecia se entender e no entanto tudo andava em paz. As vozes, já um pouco desafinadas, deixavam-se arrastar pelo salão e extravasavam-se para o silêncio da noite, lá fóra, indo perder-se ao longe.

Quando cheguei, deviam ser onze ho-

ras e o baile estava desanimado. Agora seriam uma e meia da duas da madrugada. O baile animava. Saltava-se e berrava-se mais. O número de bébados aumentava. Alguns, nas panelas, lançavam. Outros, nas cadeiras, com a cabe-

ça sobre a mesa, dormitavam.

A chuva que caira com insistência, ha via parado. Os que entravam traziam os sapatos cheios de lama. Caiam na dança e empouco ela secava, se transformando numa grossa camada de pó, tão densa que se via e que pairava acima das cabeças dos dançarinos. Poder-seia quasi pegar, apalpar aquela camada de poeira que penetrava nos pulmões daquela multidão, asfixiando-a.

Serpentinas, confetes, cruzavam o salão. O cheiro do lança-perfume vinha

asfixiar mais ainda o ambiente.

Eu estava sentado numa mesa perto do "boudoir" das senhoras, com dois amigos. De vez em quando, passava uma moça com a fantasia encharcada de suór. Ou entao, chegava-se à mesa de um conhecido e ingeria bebidas geladas, voltando depois ao salão. E tornava a saltar.

Muitos conhecidos meus, que eu jul-gava tipos calmos, agora saltavam e verravam, feito loucos. Velhos respeitosos, e matronas idosas esqueciam o reumatismo. Jovens esqueciam a compustura. Orgutho, ambição, inveja, tudo se exvala na loucura da dança. Era o instinto animalesco em mais alto grau, surgindo à tona. Todos os recalques, todos os complexos tinham livre acesso nos dias de carnaval. Era o homem, o homem primitivo e verdadeiro, livre dos mil liames da civilização, surgindo em toda a sua pujança e plenitude. E no fundo, quao futil era aquilo! Era nada mais nada menos que o instinto, sim, por mais que lhe quisessem dar outro nome, era o instinto sexual a dominar, Raros eram os que iam alí com outra intenção que não darem vasa a sua animalidade. Fra a meia prostitui-ção oficializada. As mulheres procuravam, ja que a sociedade nao lhes da a mesma liberdade que aos homens, o pou-co de goso que lhes é permitido. Os homens iam aos carnavais com a intenção de encontrarem alguma mulher mais camarada, e que após a dança, no mais alto grau de excitação, acedesse aos seus desejos. E entao procuravam encobrir isto com o nome de baile social. Futilidade, mera futilidade de quem nao tem coragem de proclamar alto bom som o que é.

